



O dia 10 de junho foi um momento de glória para o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, do PSDB. Aécio encerrou o pregão da Bolsa de Valores de Nova York em nome da Cemig, estatal mineira de energia elétrica que se transformou em sua menina dos olhos, e fez uma apresentação sobre a empresa a investidores estrangeiros. Apesar de esse ser um privilégio em geral reservado aos executivos, mesmo em estatais, o governador fez questão de aproveitar o bom momento da Cemig para aparecer bem na foto. Com gestão de empresa privada, a estatal — raro exemplar de empresa pública que rende mais dividendos que problemas — vive uma fase de crescimento inédita. Seu caixa gordo a coloca na privilegiada situação de ser uma das poucas, senão a única, empresas com recursos para participar da próxima onda de consolidações do setor. Só no último ano, foram investidos 4,3 bilhões de reais numa arrancada de aquisições que ainda não terminou.

A Petrobras do Aécio

A estatal Cemig se espelha na gigante petrolífera e adota uma voraz política de aquisições para se tornar a segunda maior empresa de energia do país

MALU GASPARI

Desde que o governador tucano assumiu, o valor de mercado passou de 5,9 bilhões de reais para 15,2 bilhões. Seu peso nas finanças do estado e sua importância para o projeto político de Aécio cresceram tanto que, hoje, pode-se dizer que a Cemig cumpre em Minas Gerais o mesmo papel que a Petrobras desempenha no âmbito federal. É um importante vetor de investimentos e uma poderosa fonte de arrecadação. Mais que isso: o plano da Cemig é ser, em 2020, a segunda maior empresa de energia do Brasil, atrás apenas da própria Petrobras. "Se tudo correr como planejado, a Petrobras que se cuide", disse a EXAME Djalma de Moraes, presidente da Cemig.

Observados o tamanho e o poder das duas empresas, a declaração de Moraes é um desautêntico. As receitas da estatal mineira são hoje uma fração do faturamento da Petrobras, de 215,5 bilhões de reais no ano passado. O lucro, de 3,3 bilhões de reais em 2008, é um décimo do lucro da petrolífera, de 33 bilhões. O plano de investir 3 bilhões de reais até 2012 pode ser considerado tímido diante da previsão da Petrobras de aplicar 174 bilhões de dólares no mesmo período para explorar o pré-sal. Mas, guardadas todas as devidas proporções, há, sim, muitas semelhanças entre as duas. Assim como a Petrobras, que, sozinha, é a campeã em pagamento de impostos no Brasil, a Cemig é a maior arrecadadora de Minas. Seu plano de investimentos representa 21% de todo o investimento do governo no estado em 2009. É quase a mesma participação que a Petrobras tem no PAC, o plano de investimentos do governo federal (23%). Além disso, assim como o pré-sal promete ser uma das vedetes da plataforma eleitoral do candidato governista à sucessão de Lula, a Cemig deve brilhar na próxima campanha eleitoral de Aécio Neves — seja para o Senado, seja para a Presidência da República. "A Cemig é a principal vitrine do choque de gestão que Aécio fez em Minas Gerais", diz o analista Rafael Quintanilha, da Brascan Corretora.

Desde 2003, quando Aécio assumiu o governo, a meta era fazer a empresa ganhar musculatura com aquisições. Mas isso só foi possível após uma pro-

funda reformulação nas finanças da Cemig. O primeiro passo foi a renegociação de uma dívida de 4 bilhões de reais que o próprio governo do estado tinha com a empresa e que ficou anos sem ser paga. A dívida pairava como ameaça sobre a capacidade da companhia de cumprir os próprios compromissos. Pelo acordo firmado em 2004, a Cemig passou a reter parte dos dividendos devidos ao governo para amortizar a dívida. Para que houvesse recursos suficientes, a estatal mudou também

A corrida por aquisições começou em 2004, com a compra da Rosai, empresa de geração de energia de São Paulo. Dois anos depois, a Cemig comprou a Light, do Rio de Janeiro, em sociedade com o grupo Andrade Gutierrez e com a holding de energia do banco Pactuai. No ano passado, a empresa tentou disputar a Cesp, estatal paulista de geração de energia, mas foi excluída do leilão por ser também uma estatal. Em janeiro, a Cemig se candidatou à compra da fatia do grupo Votorantim na paulista CPFL, mas

Antes e depois de Aécio

O crescimento da estatal nos últimos dois mandatos do governador mineiro



a política de dividendos, estabelecendo um pagamento mínimo de 50% do lucro líquido (antes era 25%). A mudança agradou não só ao governo estadual, que viu uma oportunidade de limpar o balanço, como a todos os outros acionistas (a Cemig tem 59% de seu capital na bolsa). Como a única forma de pagar dividendos tão polpudos era ganhar escala, produtividade e rentabilidade, a empresa passou para a segunda etapa: crescer, crescer e crescer.

perdeu a disputa para a Camargo Corrêa, que já era acionista e tinha o direito de preferência sobre a participação dos outros sócios. Finalmente, em abril a Cemig decidiu investir, sozinha, 2,3 bilhões na compra da Terna, companhia de linhas de transmissão. O provável sócio, a Neoenergia, desistiu do negócio na última hora, o que, no entanto, não modificou os planos da empresa mineira. No momento, a Cemig prepara-se para captar recursos no mercado, pagar pela com-



pra da Terna e poder continuar com as compras. O alvo mais provável de aquisição, na fila das avaliações em curso na empresa, é uma participação minoritária na CEB, do Distrito Federal.

E O APETITE POR NOVAS aquisições continua. O presidente da Cemig não confirma, mas, segundo executivos do mercado, estariam também no radar da empresa a Celesc, estatal de energia de Santa Catarina, a Enersul, concessionária pertencente ao grupo Rede em Mato Grosso do Sul, e a Ampla, do grupo Endesa, que atua no Rio de Janeiro. Até para o Chile a Cemig já estendeu seus tentáculos, quando venceu, em 2005, uma licitação para construir linhas de transmissão. E, numa mostra de que não está brincando quando diz que vai seguir os passos da Petrobras, a Cemig arrematou, no final do ano passado, dez lotes para a prospecção de gás no leilão da Agência Nacional do Petróleo. Vai explorá-los usando a Gasmig, empresa de gás em que é sócia da Petrobras, com 40% das ações. Como resultado desse furor de compras, a empresa passou a exibir números robustos. Hoje, a Cemig detém 17% de participação no mercado nacional de transmissão de energia, 13% em distribuição e 8% em geração. No mercado de gás, a Gasmig tem 4% de participação nacional.

Os analistas e os executivos ouvidos por EXAME veem com simpatia a arrojada estratégia de crescimento da Cemig. Mas a possibilidade de que ela venha a comprar estatais em dificuldades, como a CEB, estendendo seus domínios na distribuição a outros estados, provoca inevitáveis associações com o futuro político do governador mineiro.

Sede de aquisições

No último ano, a Cemig investiu 4,3 bilhões de reais comprando participações em outras empresas

■ Participação da Cemig



(1) Valor da participação da Cemig no investimento total

"Quanto mais a empresa cresce, mais aumenta o poder de influência de Aécio, tanto sobre os outros governadores como sobre o setor privado. Afinal, ela é uma compradora importante de obras e serviços", diz um executivo de um grupo que tem participação em empresas do setor, O governador mineiro preferiu

não dar entrevista a esta reportagem. O presidente da Cemig, por sua vez, admite que a fase de bonança da estatal é politicamente positiva para o governo mineiro. "Pode ter, sim, um reflexo positivo para o governador; afinal, essa é uma estatal que está dando certo", diz Moraes. "Mas não há, em nossos quadros, pessoas que não sejam técnicas ou que estejam usando sua posição na Cemig para faturar politicamente."

Isso não significa que a empresa esteja imune a conveniências políticas. No início do ano, por exemplo, o governador determinou que a estatal abortasse a idéia, já anunciada, de mandar o nome de cerca de 200 000 inadimplentes aos órgãos de proteção ao crédito. Aécio justificou a decisão dizendo ser "sensível à grave crise econômica que afeta o país e, por conseguinte, as famílias mineiras". Segundo o presidente da Cemig, o governador estava certo. "Ele não achou justo, porque o consumidor já é punido quando cortam a luz." Djalma Moraes, que foi indicado para o cargo pelo ex-presidente Itamar Franco, é, ao lado do ex-ministro Arlindo Porto, do PTB, uma das poucas indicações políticas na diretoria da empresa. O resto é formado por profissionais de carreira e especialistas no setor. No conselho de administração, porém, os critérios foram mais elásticos. Há indicações do vice-presidente José Alencar, do Democratas e do próprio Aécio. Até o início deste ano, o pai do governador, o ex-deputado federal Aécio Ferreira da Cunha, também tinha um assento no conselho. •